Oleannas | Helloísa Karoline

I

Sob a cartografia da intimidade,
o céu ardia em cem sóis
imerso no teu refúgio de algodão.
O mar vagava
voz de anjos ausentes.

Na exaltação do sol, se consumia:
fragmentos de silêncio,
urgência de mar e terra.
Como um barco atrás do vento,
ergue-se a imagem ardente e nua
de quem ousa habitar o próprio abismo.

Para quem vive e canta nau tempo,
o mormaço enrola o ar e os lençóis,
tecendo teias febris
sob um céu de carbono,
que a praia não trouxe
aos teus pés de roucas casas.

Pelo caminho de areia,
Ressoa a antiga dor de corais a cantar.

E no fogo da tarde em suspenso,
escorrem rios de palidez.

E, no fundo dos teus olhos,
persiste o rumor
da esgarça estrada, cujas asas
contêm todo o vento do espaço.

II

No cume do mundo que traças,
despojada de rumo e desprovida de ser,
onde a luz de um dia esculpe o delírio,
e a água que desce a montanha
é o mesmo instinto que devasta e nutre a carne.

E tu clamas ao vasto sol:
carcaça de penumbra, Oleannas!
Ergue-se então a figura,
nítida e cruel como uma sombra branca,
lembrando-te que o desejo é,
afinal, um exílio sem porto.

Ao voo cego das aves,
cinza de um corpo esvaído
de qualquer sentido.

Altas marés, rumor familiar,
na úmida extensão da tarde,
sibilas no vazio como fogo de sal.

Da destruição feita pelo homem
nenhuma sombra resiste,
salvo se, qual gota de chuva,
ele próprio se afunda
e borbulha num gemido,
sem féretro, sem túmulo,
perfeitamente esquecido.

III

Amor suspenso em frágeis trapézios.
E o sexo dela,
quando o vento da noite te atravessa,
como uma imensa flor de estufa cultivada
no cântico breve das roseiras.

Nua, sob a voz antiga do mar,
mistério de suas águas,
com as mãos em concha,
liberta a alma dos teus traços,
e cada pétala de rosa entregue ao vento

desenha o tumulto de danças fugitivas.

IV

Pelos olhos que a veem relevada,

áspero e salgado,

mas firme o suficiente para reter a carne,

mas frágil o bastante para expor o delírio.

Tu és sublime e sem final